

# AV. DOM JOAQUIM: COTIDIANO, IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES DE UMA NOVA CENTRALIDADE URBANA

*Luis Henrique Ferreira Dias<sup>1</sup>*  
*Erika Collischonn<sup>2</sup>*

## RESUMO

O estudo se propõe a verificar algumas questões referentes à dialética entre a configuração urbana e a apropriação social da Avenida Dom Joaquim enquanto reflexo e condicionante de uma nova centralidade urbana no contexto sócioespacial de Pelotas. A partir de uma leitura crítica da paisagem, pretende identificar os espaços de representação e as representações do espaço evidenciando os valores de uso e de troca. Para tanto, verifica os tipos de comércio e de serviços que estão sendo (já estão) instalados ao longo da via bem como a espacialização dos fluxos sociais oriundos do movimento de uso-consumo em seu cotidiano. No computo geral, o trabalho objetiva a uma reflexão acerca dos atores e das cenas enquanto processos da sociedade que se ajustam ao cenário e reinventam a cidade.

**Palavras-chave:** Centralidade urbana. Paisagem. Cotidiano.

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade é, talvez, o elemento mais abrangente do momento contemporâneo. Seu desenvolvimento transcende os aspectos físicos da paisagem urbana, pois a cidade é também arquitetura mental.

Assim, a reflexão ora apresentada parte de uma perspectiva que se pode nomear de objetiva, ao abordar os tipos de comércio e de serviços bem como os usos da Avenida Dom Joaquim, para chegar à semiótica, quando propõe ler, qual texto, a paisagem daquilo que considera como nova centralidade urbana em Pelotas.

Por entender que a apreensão do fenômeno urbano em sua feição atual implica em buscar o sentido das formas concretas da coletividade considerando as cartografias secretas do imaginário individual, estas linhas expõem sucintamente algumas considerações acerca das formas de reprodução do capital e da vida enquanto processos interdependentes e contraditórios que fazem da cidade um lugar de conflituosa harmonia cotidiana.

De um recorte espacial definido: a Avenida Dom Joaquim, na cidade de Pelotas, decorre a análise desses desdobramentos tipicamente urbanos. Partindo-se da concepção Lefebvreana na qual o espaço apresenta-se compartimentado em concebido, percebido e

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

vivido e orientando-se na discussão sobre cotidiano e modo de vida como conceito, percorre-se a Avenida Dom Joaquim.

Os passos desta pesquisa apresentam, assim, o tema da nova centralidade urbana enquanto resultado de uma *ordem distante* condicionada pelos valores de uso e de troca do lugar, manifestados na *ordem próxima*, pois a vida cotidiana articula espaço e tempo na modernidade, totalizando-os. E conforme Seabra (2004 p. 181) “*Tal articulação reúne e distingue, em diferentes níveis, o particular e o geral, o singular e o universal, o abstrato e o corpóreo.*”

E por ser a paisagem urbana a expressão material desse movimento do espaço, ao mesmo tempo fragmentado e coeso, estrutural e conjuntural, se torna imperioso o aprofundamento de algumas questões sobre a cidade como invisível construção individual alicerçada em explícitas matrizes coletivas.

Pois, do cotidiano de seus moradores e *usadores* aos ditames do capitalismo, a fração do espaço urbano em tela apresenta um universo de múltiplas perspectivas as quais devem ser exploradas considerando-se a percepção daqueles que vivem o lugar. Admite-se assim que a análise da morfologia espacial em conexão com a estrutura social revela consensos e conflitos e, acima de tudo, evidencia mudanças da tessitura urbana.

A nova centralidade urbana da Avenida Dom Joaquim é fato em curso, é metamorfose que se nomeia com o verbo no gerúndio e se materializa na paisagem por meio das paredes do capital e dos sonhos da vida.

E essa sincronia temporal entre o evento urbano enfocado e a pesquisa foi determinante na escolha do local como objeto de análise, pois o que se relata é algo em plena (trans) formação, constituindo-se o trabalho no registro de uma página que está sendo escrita nas complexas linhas urbanísticas que entrelaçam e replicam o global e o local na cidade de Pelotas.

## 2 MATERIAL E MÉTODO

A proposta foi de utilizar a semiótica como metodologia de análise para avaliar e refletir acerca da nova centralidade urbana da Avenida Dom Joaquim a partir da observação de sua paisagem, pois se entende que toda paisagem apresenta uma dimensão perceptiva na qual se destaca o domínio do visível.

Ler, qual texto, as formas e as funções, os *fluxos* e os *fixos* da Avenida Dom Joaquim, permitiu à sensibilidade humana ser o ponto de partida para o conhecimento; fato que, conforme Haesbaert (2006 p. 52), “*coloca em xeque a legitimidade da razão (moderna) como fundamento ou única via para o conhecimento e a transformação do mundo.*”

Ainda, visando à otimização do trabalho de campo bem como à objetivação da análise, optou-se por abordar o fragmento da área de estudo no qual estão concentrados o aparelho comercial e os (in) fluxos sociais, de maneira que o trecho da Avenida Dom Joaquim compreendido entre a Rua Andrade Neves, a leste e a Avenida Fernando Osório, a oeste constituiu-se no recorte espacial da pesquisa.

Nas incursões de campo capturaram-se imagens com uma câmera digital manual 10.0, haja vista ser fundamental o registro fotográfico em estudos que se debruçam na percepção e na análise da paisagem do espaço urbano.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Avenida Dom Joaquim, uma centralidade auto-segregada**

No fragmento urbano em questão se verifica atualmente a consolidação de um processo de peri-urbanização iniciado notadamente há cerca de duas décadas. Visando a proporcionar um lugar de convívio aprazível à abastada parcela de residentes o poder público inaugurou, no ano de 1991, a *pista de caminhadas da Dom Joaquim*, hoje referência na cidade. (Foto 1)

Já em termos de comércio e consumo em Pelotas, o atual deslocamento da centralidade para a zona norte do centro da cidade é um importante movimento de ajuste das formas de comércio às tendências do consumo na pós-modernidade.



FOTO 1. Trecho da pista de caminhadas da Avenida Dom Joaquim.

Fonte: O autor (15/10/2011)

Na Avenida Dom Joaquim observa-se a constituição do aludido processo o qual é verificado em outras cidades do porte ou maiores que Pelotas. Villaça (2001) demonstra o abandono dos centros tradicionais de compras pelas classes de alta renda e a formação de novas centralidades em São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Ainda, para Júnior:

Por se consolidarem essencialmente substanciadas pelas atividades comerciais e de serviços, as novas centralidades constituem-se de equipamentos que geram e mantêm padrões e necessidades de consumo que respondem ao conteúdo do novo contexto da reprodução do capital, estruturada por meio de fluxos de natureza material e imaterial. (JÚNIOR, 2008 p. 218)

Essas necessidades de consumo ampliam o mundo da mercadoria ficando a vida social acondicionada – e acionada – pelos valores de troca.

Nessa linha teórica enquadra-se o incipiente fenômeno de centralização comercial da Avenida Dom Joaquim, pois o mesmo advém das demandas próprias de uma camada

economicamente elitizada da população pelotense que em pouco mais de dois decênios constituiu ao longo da via um território de elevado padrão. (Foto 2)

E na interface desses intrincados processos de movimento do modo econômico vigente e dos anseios das pessoas se configura a paisagem do lugar e se apresenta a Avenida Dom Joaquim como exemplo específico de novas centralidades surgidas nos perímetros adjacentes aos centros tradicionais de algumas cidades.

É, pois, fenômeno intrínseco às novas necessidades desses “seres urbanos” oriundas da espontaneidade do capitalismo o que determina, do ponto de vista geográfico, territórios auto-segregados no ambiente citadino, constituindo áreas impregnadas de valores exclusivos e excludentes.



FOTO 2. Fachadas de elevado padrão: o elitizado comércio da Avenida Dom Joaquim.

Fonte: O autor (15/10/2011)

### 3.2 As representações do cotidiano: um olhar sobre a área de estudo

Na cidade se podem ler as possibilidades concretas de realização da sociedade, nela se é remetido aos conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração.

Para Lefebvre (1991, p. 55) “*Sim, lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela foi uma escrita. Entretanto, não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto.*” Nesse sentido, conforme Carlos (2001, p.12) “*a noção de cidade ganha nova amplitude [...] ao revelar a materialização do processo histórico de construção do espaço*”.

No caso analisado nesta pesquisa, a Avenida Dom Joaquim revela a configuração de alguns elementos do contínuo processo de reprodução da cidade, assumindo no tempo presente as características de uma nova centralidade urbana. Centralidade que é prospectada em vivências, valores e representações, a partir de uma proposta de percepção da paisagem urbana.

A fração da Avenida Dom Joaquim compreendida entre a Rua Andrade Neves, a leste e a Avenida Fernando Osório, a oeste, demanda uma leitura visual crítica do texto paisagístico urbano, pois neste recorte espacial se observam a materialização de formas e a espacialização de funções que vivificam o território e perfazem toda uma dinâmica social de interesse para a geografia urbana.

Do elitizado comércio às residências familiares de alto padrão econômico, a Avenida Dom Joaquim encerra em si uma paisagem-reflexo de uma ordem distante, a qual é produto conjuntural oferecido/imposto, pelo modo vigente de produção, aos atores sociais que podem (e somente aos que podem) comprá-la e vivê-la na escala do local, ou seja, usar e consumir na ordem próxima do cotidiano.

Disso advém a concepção de um cenário apriorístico montado para encantar e auto vender-se no qual a pista de caminhadas, com suas árvores, gramados e passeios de chão batido, completa a imagem a ser comercializada.

De maneira que atualmente a Avenida Dom Joaquim é um lugar onde a representação da natureza faz o “natural” adentrar, real e simbolicamente, na esfera do mundo capitalista por meio da idealização de uma natureza aparentemente incorporada à vida social. Pois, de acordo com Henrique,

Hoje, a natureza, ideia e objeto, capitalizada e mercantilizada, tem seus consumidores e clientes, pessoas que por ela transitam, passam, viajam, comparando-a e consumindo-a, literal ou metaforicamente falando, como símbolo, imagem, ícone, poder ou *status*, principalmente nos espaços urbanos onde as representações da natureza são construídas. (HENRIQUE, 2010 p. 205)

E assim, esta nova centralidade apresenta uma natureza ideologizada que completa o *status* de lugar de comércio e de convívio socialmente diferenciados dentro da cena urbana pelotense.

Ao lado da representação do meio natural figuram na Avenida Dom Joaquim as representações que evocam as imagens de um espaço *vip* materializadas principalmente na arquitetura das lojas e restaurantes. Assim, a disposição paisagística transmite a sensação de que se anda, seja a pé ou de automóvel, por um luxuoso *shopping* a céu aberto que margeia a Avenida revestindo a paisagem de um valor de troca imprescindível às estratégias dos promotores imobiliários e dos agentes de *marketing*.

As representações do espaço (re) criam o mundo imediato do lugar como reflexo dos mundos distantes do espaço global. São estruturas que têm origem nos valores de troca, mas que se manifestam na paisagem do cotidiano despertando nas pessoas a afetividade pelo lugar e o sentimento de pertencimento àquele lugar.

É, pois, um processo de congregação de espaços, oriundo de uma lógica econômica e dotado de objetivos específicos, a palpitar conjuntamente com a vida na cidade.

Jameson (1992) extraí o termo *mapa cognitivo*, de Kevin Lynch que o utiliza para descrever como as pessoas constroem sentidos de seus contextos urbanos a partir da interseção do pessoal e do social o que as capacita para funcionarem nos espaços urbanos pelos quais se movem.

Este fenômeno é responsável pelas cartografias do imaginário que cada um acalenta em segredo para poder-se orientar no espaço e tempo imediatos da vida diária. Pois, de acordo com Chauí (2002), “*cada um é artista e arquiteto de paisagens*” e, deste modo, a cidade irá se encontrar dentro e fora de cada um.

Na Avenida Dom Joaquim se verifica a dialética contida nesse movimento de interação entre a pessoa (ator social) e a paisagem (cenário da representação) a qual produz imagens internas (cenas mentais) derivadas e condicionadas pelas imagens externas (cenas corpóreas) vividas, de forma mais ou menos consciente, pelo elenco humano que anima a cidade no cotidiano.

De maneira que essa nova centralidade urbana da cidade de Pelotas se torna um elitizado espaço de representação, carregado dos valores de uso inerentes a uma arquitetura que enseja passeios e atividades nos quais as pessoas se oferecem à apreciação de si mesmas comungando as regras de um jogo no qual cada um é uma espécie de *voyeur* de si mesmo. (Foto 3)



**FOTO 3.** A pista de caminhadas como palco para a teatralidade da vida social em público.  
Fonte: O autor (15/10/2011)

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da (des)centralização urbana da Avenida Dom Joaquim expressa em Pelotas os desdobramentos de um importante movimento de ajuste das formas de comércio às tendências do consumo na pós-modernidade. Disso advém uma dinâmica urbana

alicerçada na (re) construção morfológica característica das médias cidades na aurora do terceiro milênio.

A abordagem semiótica possibilitou analisar a constituição dessa nova centralidade urbana por meio da leitura paisagística da Avenida Dom Joaquim, ou seja, a partir da dimensão sensorial, pois o pesquisador interage cognitivamente com fração da cidade que lhe chega aos sentidos, de maneira que a paisagem urbana funciona como um complexo local que permite uma leitura geográfica.

Entender o espaço urbano em sua feição atual implica em ir além das amarras de um empirismo auto-suficiente que, no mais das vezes, mascara realidades sociais; é, pois, imprescindível considerar as viradas que caracterizaram as ciências sociais no último quartel do século passado: a virada linguística, ressaltando que o pesquisador sempre trabalhou sobre palavras e imagens e não diretamente sobre a realidade; a virada espacial da sociologia recordando que as sociedades não existem numa esfera conceitual e abstrata, mas num espaço e em lugares precisos e a virada cultural da geografia humana legando, conforme Yovel (1991), “*a aceitação do mundo com todas as suas dimensões no contexto real da vida*”.

E assim, este trabalho procurou demonstrar o quão útil pode ser a semiótica no trabalho dos Geógrafos neste início de século, pois planejar a cidade ideal é antes de tudo um exercício de se antever a vida desejável na cidade e isso passa pela consideração deste ente da (pós?) modernidade que é o ser humano urbanizado.

Na cidade misturam-se o real da experiência sensível e a fantasia, sendo assim, e recordando Paul Claval: [...] é preciso levar em conta a diversidade das sensibilidades humanas, a atenção para as iniciativas individuais e a consciência dos constrangimentos ligados à existência de normas e valores.

E, acrescentando-se, é preciso considerar a imaginação como fonte primeira da vida e do conhecimento humano.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano.** São Paulo: EDUSP, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos.** Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

- HENRIQUE, Wendel. **Representações da natureza na cidade.** Salvador: EdUFBA, 2008.
- JAMESON, F. **Espaço e Imagem: Teorias do pós- Moderno e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992.
- JÚNIOR, Gilberto Alves de Oliveira. **Redefinição da centralidade urbana em cidades médias.** Sociedade & Natureza, Uberlândia 20 (1): 205-220, Junho, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Florianópolis: EDUFSC, 1999 (1995).
- SEABRA, Odette. **Territórios do uso: cotidiano e modo de vida.** Revista Cidades. Vol. 1, n. 1, 2004. P. 181-206.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 2<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.